

## **(RE)CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS A PARTIR DA PEDAGOGIA DECOLONIAL E DOS ESTUDOS DISCURSIVOS NA PRÁXIS DOCENTE**

**NEIVA DE SOUZA MIRANDA**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

**JANAINA DE JESUS SANTOS**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

**EDNA ALVES PEREIRA DA SILVA**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

### **Resumo**

Este estudo transita pela pedagogia decolonial, que aborda criticamente as estruturas de poder e saber na educação, desafiando as hierarquias e narrativas dominantes; e pelos estudos discursivos foucaultianos, que investigam como o discurso produz e é produzido por relações de poder-saber e identidade e ainda, como dele se materializa em linguagens e práticas discursiva. O problema reside da necessidade que os docentes têm acerca deste aporte teórico/prático para subsidiar suas aulas no sentido de explorar novas possibilidades de narrativas que desafiem as estruturas hegemônicas. Assim, o objetivo maior é apresentar inspirações de práticas pedagógicas a partir da pedagogia decolonial e dos estudos discursivos por novas narrativas antirracistas e dominantes no processo de subjetivação dos sujeitos para promoção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. Para embasamento apresentaremos brevemente noções teóricas da pedagogia decolonial e dos estudos discursivos, sinalizando suas contribuições para compreensão das relações poder-saber e da linguagem no processo de subjetivação. A metodologia é de cunho teórico-analítico. Das análises, compreendemos que a linguagem é uma dimensão transversal que atravessa discussões sobre essas duas áreas, atuando no processo de subjetivação dos sujeitos. Concluimos que, o trabalho crítico-reflexivo da linguagem atravessado pelos estudos decoloniais e discursivos foucaultianos pode permitir aos discentes a construção de narrativas outras e o agenciamento de suas identidades.

1802

**Palavras-chave:** Estudos Discursivos. Pedagogia Decolonial. Práticas Pedagógicas.

### **Abstract**

This study brings together two themes: decolonial pedagogy, which has a critical approach that questions the structures of power and knowledge that shape education, challenging dominant hierarchies and narratives; and discursive studies that investigate how discourse influences and is influenced by issues of power, identity and knowledge and also how forms of language and discursive practices shape social interactions. The problem lies in the need that teachers have for this contribution to support their classes in order to explore new possibilities of narratives that challenge hegemonic structures. The objective is to present inspirations for pedagogical practices based on decolonial pedagogy and discursive studies through new anti-racist and dominant narratives in the process of subjectivation of subjects to promote a more just, egalitarian and inclusive society. As a basis, we will present brief theoretical notions about decolonial pedagogy and discursive studies, highlighting their contributions to understanding power-knowledge relations and language in the process of subjectivation. The methodology chosen was a bibliographic review with search and analysis of publications to understand the current situation and present practical suggestions. From the analyses, we understand that language is a transversal dimension that crosses discussions on these two themes,

affecting the subjects' subjectivation process. Coming to the conclusion that, by working on language in a critically reflective way, we can assert that the teaching subject will help students to construct new narratives while claiming agency over their subjective identities.

**Keywords:** Discursive Studies. Decolonial Pedagogy. Pedagogical practices.

### Primeiras impressões

A junção da pedagogia decolonial com os estudos discursivos emerge como ferramenta relevante para repensar e transformar as práticas pedagógicas, principalmente no contexto de uma sociedade marcada pelas desigualdades históricas. Este estudo apoia-se em explorar outras narrativas e perspectivas que possam enriquecer a prática docente, no processo de subjetivação dos sujeitos.

O problema principal que originou este estudo reside na necessidade de promover uma reflexão sobre a prática pedagógica no sentido de refletir sobre as narrativas racistas e dominantes presentes na teia social que reproduz exclusão e marginalização de sujeitos historicamente subalternizados, mas também, colaborar com a aquisição de novos conhecimentos a partir da teoria/prática, uma vez que os docentes da educação básica carecem deste aporte para subsidiar suas aulas no sentido de explorar novas possibilidades de narrativas que desafiem as estruturas hegemônicas presentes no campo educacional e fora dele.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo consiste em apresentar inspirações/sugestões de práticas pedagógicas a partir da pedagogia decolonial e dos estudos discursivos por outras narrativas antirracistas e dominantes no processo de subjetivação dos sujeitos para promoção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. E, como objetivo específico, mapear a produção acadêmica que articula a pedagogia decolonial e os estudos discursivos foucaultianos nas práticas pedagógicas; refletir sobre a pedagogia decolonial e dos estudos discursivos na perspectiva foucaultiana; e sugerir exemplos de atividades pedagógicas para (re)construção de narrativas antirracistas e dominantes.

Sua justificativa se deu pela inquietação em propagar o conhecimento aos sujeitos docentes da educação básica, uma vez que muitos deles não têm acesso aos debates realizados nas pós-graduações acerca desta temática. Desta maneira, espera-se que este estudo sensibilize e politize os docentes a respeito da pedagogia decolonial e dos estudos discursivos numa proposta conjunta para transformar a prática docente, visando a promoção de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. Pois, ao politizar os sujeitos docentes para um fazer pedagógico transformacional, poderá proporcionar uma amplitude ao trabalho docente e

constituirá como ferramenta para mudanças sociais, resultando em um trabalho socioeducacional que abrangerá um processo de subjetivação de todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Por conseguinte, este estudo partirá primeiramente da politização do docente para no segundo momento, este possa promover práticas para o discente se subjetivar, em um processo de construção de saberes que acontecem nos embates discursivos que levam a construção de verdades, sempre investidas de relação de poder na subjetivação de sujeitos, já que a subjetivação “sofre” atravessamentos em suas formações discursivas de acordo aos acessos de saberes que os sujeitos vão adquirindo ao longo de suas vivências sócio-históricas.

Para esta pesquisa foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica e os dados foram analisados a partir da leitura arqueogenealógica e estão dispostos neste artigo. Para embasamento da mesma, apresentaremos breves noções teóricas sobre a pedagogia decolonial e os estudos discursivos, sinalizando suas contribuições para compreensão das relações de poder, do saber e da linguagem no processo de subjetivação dos sujeitos. Assim, há algumas definições para a pedagogia decolonial, mas utilizaremos essa que melhor se adequou a esta proposta que é:

[...] pensada a partir da ideia de uma prática política contraposta à geopolítica hegemônica monocultural e monorracional do conhecimento, pois se trata de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que têm como horizonte de suas práticas e relações sociais a lógica epistêmica ocidental, a racialização do mundo e a manutenção da colonialidade do poder. (Oliveira e Candau, 2010, p.28)

1804

Seguindo esta concepção, quando o sujeito docente aborda uma temática das consequências da colonialidade, ele estará refletindo e produzindo saberes, já que este período padronizou um poder hegemônico e europeizado em nossa sociedade, que sobressai como padrões normativos até os dias atuais, como ressalta Nilma Lino Gomes a respeito da colonialidade:

é resultado de uma imposição do poder e da dominação colonial que consegue atingir as estruturas subjetivas de um povo, penetrando na sua concepção de sujeito e se estendendo para a sociedade de tal maneira que, mesmo após o término do domínio colonial, as suas amarras persistem (Gomes, 2018, p.7).

Diante disso, é comum ainda haver divergências durante discussões e reflexões a respeito das consequências da mesma, por esta razão, precisamos questionar essas narrativas presentes em textos didáticos, nas mídias sociais, no silenciamento desses sujeitos, nas construções estereotipadas e preconceituosas das autoimagens dos povos que são socialmente marginalizados.

Como ratifica Maldonado-Torres (2007, p. 131) sobre a colonialidade “Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos[...]”. Desse modo a proposta ora pretendida acerca da prática pedagógica decolonial é pertinente para somar forças contra esse poder hegemônico, já que “o currículo não é só o oficial. Ele é dinâmico e vivo. Constrói-se não somente nos conteúdos selecionados, mas no dia a dia dos sujeitos da escola, no não dito[...] nas relações, nas narrativas, nos discursos, nas histórias de vida on-line e off-line.” (Gomes, 2018, p.16). Com isso, todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem se (re)constroem, a partir dessa relação com o outro e ao mesmo tempo consigo mesmo. Inclusive, são nessas microrrelações que emerge a “microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos sua materialidade e suas forças” (Foucault, 2014, p. 30). E nessa perspectiva, ao “acessar os discursos para refletir e não apenas os reproduzir” (Orlandi, 1998, p. 209) acaba por afetar os sujeitos de maneira que os constituem com saber-poder outro e movimentos para o processo de novas subjetivações.

De acordo com Foucault (2014), temos uma série de dispositivos como: família, escola, a inserção social que produz subjetividade. Somado a isso, temos hoje as influências das novas tecnologias. Então, a escola pode ser considerada “um local privilegiado para tornar possível a experiência com homens, e para analisar com toda certeza as transformações que se pode obter neles” (Foucault, 2014, p.198), pois a escola é esse modelo panóptico para moldar as mentes e os corpos através da coerção disciplinar.

Contudo, para esta perspectiva buscamos práticas pedagógicas embasadas na liberdade, em que o sujeito docente realize reflexões sobre as práticas discursivas de maneira crítica e reflexiva, a partir de suas experiências que possibilite escutar e oportunizar vozes plurais como base primordial para (re)construção do discurso antirracista e dominante por meio da linguagem.

E não numa perspectiva disciplinar que segundo Foucault (2014, p.189) “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstraia” “mascara”, “esconde”. Ao promover esta proposta de integração entre a pedagogia decolonial e os estudos discursivos no processo de subjetivação, os sujeitos docentes podem criar ambientes de aprendizagem mais inclusivos e reflexivos. Dado que, é através da linguagem que os sujeitos expressam seus pensamentos, emoções e experiências e além disso, recebem influências do mundo ao seu redor.

Neste sentido, a linguagem desempenha um importante papel no processo de subjetivação, porque ela é materialidade para constituir o sujeito e sua identidade. Ela permite compartilhar vivências, construir identidades, subjetividades através das interações e relações com outros sujeitos e ao lidar com situações cotidianas. Desta maneira,

A escola deve levar ao “deslocamento” da identidade, para que o sujeito não seja o lugar cego que resulta automaticamente dos processos de identificação. Isto é, a Escola deve criar condições para que ele possa se movimentar nos mecanismos de subjetivação que o afetam. (Orlandi, 1998, p.211)

É interessante que este processo de subjetivação ocorra com liberdade e na prática de si. Isso gera significados às experiências vividas tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Na perspectiva dos estudos discursivos, a linguagem é analisada como um mecanismo de poder que molda nossas percepções e relações sociais (Foucault, 2014). Daí, compreender como os discursos são construídos e disseminados nos ajuda a identificar as hierarquias de poder subjacentes e a refletir sobre narrativas opressivas.

Por isso que, ao refletir criticamente sobre a linguagem, podemos questionar estereótipos, preconceitos e injustiças presentes nas interações cotidianas. Porque “a linguagem é humana: à nossa plena liberdade deve sua origem e seus progressos; ela é nossa história, nossa herança”. (Foucault, 2016, p.402) E, por conseguinte, deve ser analisada pelos sujeitos que a constitui.

Sendo assim, concordamos com Walsh (2007, p. 9 *apud* Oliveira e Candau, 2010, p.28) quando afirma que: "assumir esta tarefa [o trabalho docente] implica um trabalho decolonial dirigido a tirar as correntes e superar a escravização das mentes [...]; a desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade". Desta maneira, oportunizar espaço de fala e escuta para estimular a reflexão crítica sobre essas dinâmicas de poder, suas implantações, consequências na formação social, no repertório cultural e no intelectual dos sujeitos discentes, pode levar os sujeitos discentes a reconhecerem e construir suas próprias narrativas e a reivindicarem agenciamento sobre suas identidades.

Por fim, ao longo deste artigo serão apresentados o desenvolvimento, constando o percurso metodológico com o levantamento de dados e análises de alguns estudos envolvendo a temática que trata de uma abordagem que une a pedagogia decolonial e os estudos discursivos, discussão sobre os resultados encontrados, sugestões de práticas pedagógicas para apresentar aos sujeitos docentes como inspirações de atividades para possíveis discussões em sala de aula e por fim, as considerações finais.

## **Caminhos trilhados para a (re)construção de narrativas antirracistas**

### **1.1 Percurso Metodológico**

Esta pesquisa é fundamentada a partir das leituras arqueogenealógicas de bibliografias, na perspectiva da revisão narrativa, por não seguir um padrão formal, ou seja, ela é mais subjetiva. Foram investigados trabalhos mais recentes sobre a temática dentro de um recorte temporal de 2019 a 2024, seguindo um delineamento para facilitar o levantamento de dados e a partir de interpretações, definir quais informações são pertinentes como insights para esta pesquisa.

Assim, foram realizadas leituras de textos acadêmicos referentes à temática; depois foi feito um mapeamento nos bancos de dados para buscar uma análise panorâmica acerca de como estaria à junção da pedagogia decolonial e dos estudos discursivos foucaultianos atrelada às práticas pedagógicas. Então, utilizamos como critério de inclusão apenas artigos dos últimos 5 anos (de 2019 a 2024) que mesclam os termos pedagogia decolonial, estudos discursivos e práticas pedagógicas.

Usamos os bancos de dados do Google Acadêmico, Periódico Capes e Scielo. Delimitamos a pesquisa até a quinta página e tivemos como critério de exclusão: livros; resumos simples e expandidos, dissertações, teses e os artigos estrangeiros. Esse levantamento foi realizado no dia 08 de março de 2024. O quantitativo dos resultados encontrados foi o descrito no quadro abaixo.

Quadro 1. Quantitativo encontrado nos bancos pesquisados

<b>Palavras-chave</b>	<b>Incidências</b>		
	<b>Google acadêmico</b>	<b>Periódico Capes</b>	<b>Scielo</b>
#Estudos Discursivos; #Pedagogia Decolonial; #Práticas Pedagógicas.	5.700	02	00

Fonte: Elaborados pelos autores de acordo aos dados da pesquisa (2024)

No Google acadêmico foram encontradas 5.700 publicações, porém delimitamos a coleta de dados apenas até a 5ª (quinta) página que possuía 10 publicações em cada, totalizando 50 publicações que, após a filtragem observando os elementos de exclusão, foram pré-selecionados 18 artigos que passaram por uma nova leitura/filtragem. No levantamento da Scielo não apareceu nenhuma publicação. Quanto aos Periódicos da Capes resultou em apenas 02 publicações que após a leitura excluimos a primeira, porque percebemos que não dialogava como esta proposta de pesquisa, restando apenas uma para uma análise mais refinada. Desta forma, restou um total de 19 artigos para uma nova leitura/filtragem. Após a organização e

releitura, onde os mesmos não tratavam da junção entre as palavras chaves, que é a proposta deste estudo, restaram apenas 12 artigos para análise e composição desta pesquisa.

**Quadro 2. Levantamento de dados/trabalhos analisados**

<b>Periódicos CAPES</b>		
Título	Autor/ano	Periódico
Pobid/Espanhol, diversidade cultural e experiências decoloniais de ensino	Meniconi; Feitosa; Silva; Santos e Cunha (2022)	Diversitas Journal Universidade estadual de Alagoas
<b>Google Acadêmico</b>		
Título	Autor/ano	Periódico
Por uma pedagogia decolonial no ensino de língua espanhola: uma experiência remota durante a pandemia da Covid-19	Júnior (2021)	RSM Júnior - Humanidades & Inovação, 2021 - revista.unitins.br
Educação para a transformação: fundamentos de uma prática pedagógica decolonial	Tonhá (2023)	Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA periodicos.ufpi.br
Pensamento decolonial e inclusão subalterna a educação e o ensino da transformação	Prado (2021)	Revista Latino-Americana de Estudos Científicos PPGLITCULT – UFBA
Cores e pedagogias do discurso zapatista	Andrade e Fernandes (2021)	Revista Gragoatá Universidade Federal do Rio de Janeiro
Políticas públicas de gênero na Educação Básica: convergências e entraves a uma educação linguística decolonial	Mendanha, Frank e Luterman (2021)	Porto Das Letras, Trilhas linguístico-literárias: conexões e fenômenos fronteiriços - Universidade Estadual de Goiás
Formação continuada e pedagogia decolonial: o MAR e o samba	Nascimento e Souza (2020)	Revista Teias Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Teatro do Oprimido: pedagogia teatral decolonial?	Araújo (2021)	A Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação - periodicos.ufjf.br UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Gênero, "raça" e educação: em defesa de uma abordagem decolonial do currículo escolar e das práticas pedagógicas	Prado e Faria (2023)	Revista Polyphonia, 2023 - revistas.ufg.br Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Formação inicial docente e a prática pedagógica	Lobato e	Revista Intellèctus

no estágio supervisionado: da marafunda euro-colonialista à ginga afrodiaspórica em resistência	Silva (2021)	Instituto Federal Fluminense Universidade Veiga de Almeida
Universidade líquida: discurso pós-moderno, ambivalências e práticas pedagógicas	Silva (2021)	tede.unisantos.br
Formação de professores de língua e decolonialidade: o estágio supervisionado como espaço de (re)existências	Cadilhe e Leroy (2020)	Calidoscópico repositorio.ufmg.br UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

Fonte: Elaborado pelas autoras de acordo aos dados da pesquisa (2024)

## 1.2 Análise dos trabalhos encontrados

Diante das análises realizadas para verificação dos estudos desta temática no cenário nacional, os resultados encontrados ofereceram insights relevantes sobre o tema, trazendo resultados promissores a respeito, o que nos leva a crer que realmente é uma pesquisa que vem para somar no cenário acadêmico e no ensino aprendizagem educacional no que tange a (re)construção de narrativas antirracistas e dominantes.

Assim, nos estudos de Meniconi *et al* (2022) refletiram acerca da necessidade de uma pedagogia decolonial nas aulas, a qual possibilitaria uma reconfiguração da ação docente, contribuindo para a reflexão crítica acerca das múltiplas realidades e, ao mesmo tempo, para o combate aos padrões eurocêntricos do ser e do saber, rompendo preconceitos e estereótipos culturais, demonstrando uma prática de resistência que tem como base o uso da língua. “Um país como o nosso, no qual a colonialidade se encontra de forma intrínseca, aulas de línguas que construam um trabalho que valorize as diferenças e subjetividades devem contribuir para que o educando possa pensar” (Meniconi *et al.* p.15).

Já a pesquisa de Júnior (2021) indicou que, por meio de atitudes decoloniais, é possível repensar as práticas pedagógicas e ressignificar os espaços de aprendizagem, transgredindo as formas de ensinar e aprender uma língua adicional e, a reboque, transpor os limites tradicionais das atividades escolares. “Para tanto, temos de desaprender o que nos foi ensinado e o que ensinamos e reaprender novas formas. A atitude decolonial é a agência nutrida por valores humanos, como o amor, a empatia e a solidariedade” (Júnior, 2021. p. 7).

Tonhá (2023) Propõe como ferramenta emancipadora a adoção de discursos críticos de forma que forneçam ao aluno ferramentas para a compreensão dessas relações de poder, preparando-o para o questionamento dessas mesmas relações e incorporando os saberes dessas populações subjugadas a uma nova proposta pedagógica decolonial.

“O artigo alerta para a necessidade da adoção de discursos e abordagens teóricas críticas, visando uma educação emancipadora, que empodere esses indivíduos através da compreensão da dominação/opressão e do estímulo ao questionamento, fornecendo-lhes ferramentas para romper as amarras históricas do colonialismo ao apresentar caminhos epistemológicos capazes de possibilitar a transformação dessas circunstâncias” (Tonhá, 2023. p.13).

Prado (2021) almeja a exploração de moldes que possibilitem a criação de uma filosofia pedagógica de inclusão dos subalternizados e de suas narrativas, como insurgências que devem buscar a tomada de consciência de “si” e do “outro”, além das especificidades que os compõem. “É preciso utilizar as ferramentas possíveis e que podem proporcionar a construção da subjetividade para além do que os “outros” querem que determinados grupos sejam [...]” (Prado, 2021. p.14).

Andrade e Fernandes (2021) diz que estes estudos podem contribuir para o avanço de perspectivas transdisciplinares que partam da articulação entre estudos de linguagem, literatura e educação. A nosso ver, é um instigante movimento contra-hegemônico da esquerda latino-americana por fazer o político transitar diversas esferas do discurso, associando de maneira potente, conforme demonstraram a uma inflexão pedagógica decolonial, utilizando a linguagem como um vetor fundamental no processo de construção e convencimento de suas demandas, lutando, em especial, pela criação de novas formas de ver, pensar e (re)experienciar a cultura e a educação popular. “Discutimos uma concepção discursiva de linguagem, refletindo sobre o modo como a ideologia engendra condições de possibilidade do dizer e de relações saber-poder [...] com vistas a demonstrar o valor crítico e a relevância pedagógica da performatividade decolonial” (Andrade e Fernandes, 2021. p.24).

Mendanha, Frank e Luterman (2021) em suas pesquisas identificaram tímidas iniciativas textuais/discursivas de políticas públicas que caracterizem enfrentamento/resistência à indiferença emergente das relações pautadas pelas diferenças culturais e identitárias.

“[...] diante de tais verificações nos dois documentos analisados com o recorte feito, podemos dizer que eles não favorecem a prática educativa decolonial, uma vez que essa perspectiva busca desestabilizar os padrões de poder e de saber como dispositivos homogeneizantes, mecanismos biopolíticos de uma anátomo-política do corpo esquadrihado para operar conforme o controle institucional (como o estatal e o escolar) e regular a si, por meio de um biopoder” (Mendanha, Frank e Luterman, 2021. p.16).

Nascimento e Souza (2020) dizem que os docentes carecem de formação continuada para exercer uma educação multicultural, antirracista e decolonial e através do curso organizado pelos autores, os mesmos reafirmam que possibilitou aos educadores criarem

possibilidades outras para suas práticas docentes. “A formação continuada tem o potencial de promover sensibilidade e comprometimento de professores e professoras com uma postura prática em atenção às brechas decoloniais do tempo presente” (Nascimento e Souza, 2020. p.15).

Araújo (2021) nesta pesquisa a prática pedagógica estava relacionada ao uso do teatro, por nome Teatro do Oprimido no contexto educacional para trabalhar essa temática em três momentos articulados em: estruturas epistemológicas que sustentam o discurso da decolonialidade; reflexões sobre a noção de pedagogia decolonial; e a proposta de considerar o Teatro do Oprimido uma pedagogia decolonial. “[...] o TO tende a assumir uma dinâmica diferente daquelas adotadas no contexto das lutas políticas, mas sem deixar de lado sua característica decolonial, trabalhando contra a desigualdade, a injustiça e a discriminação” (Araújo, 2021. p.17).

Prado e Faria (2023) dizem que o discurso falocêntrico ainda é muito vivo na sociedade brasileira. Essa vividez é um dos reflexos dos processos históricos, sociais e culturais, em que os diferentes corpos se encontram, regulados em uma matriz de poder masculina/heterossexual/reprodutiva/branca/cristã que produz desigualdades. Assim, entenderam que as práticas escolares precisam contextualizar a realidade que vivenciam e, sobretudo, tensionar processos históricos, sociais e culturais que constroem e regulam as diferentes subjetividades. Em suas palavras:

Nesse sentido, as diferentes subjetividades que se desenvolvem são o reflexo do quanto somos heterogêneos e é preciso compreender que o poder falocêntrico pautado na superioridade masculina/heterossexual, embora muito presente na cultura da sociedade brasileira, também está expresso no campo escolar. Assim, a prática do diálogo aberto, tensionando essas discussões no chão da escola, são importantes para educar e capacitar as pessoas para se relacionarem com um universo de subjetividades heterogêneas (Prado e Faria (2023p.13).

Lobato e Silva (2021) concluíram que há urgência de adentrar no pensamento decolonial e expô-lo. Colocá-lo num lugar de destaque nos processos formativos de licenciandos e na formação continuada dos docentes já nas redes escolares.

Só a partir do espraiamento do pensamento decolonial será possível sair da marafunda do pensamento euro-colonialista, e assim, adentrarmos numa nova fase da práxis docente, potencializando a formação de novos intelectuais orgânicos que vejam conhecimentos e saberes sob outras perspectivas, em cruzo (Lobato e Silva, 2021. p.24).

Cadilhe e Leroy (2020) discutem em sua pesquisa que a diversidade é refletida a partir da crítica à colonialidade como modo de subjetivação. Argumentaram o estágio como interseção entre a prática acadêmica e profissional, configurando-se como um cenário potente para uma educação cujos projetos de ensino orientem-se por um trabalho que se ocupe em refletir e diminuir desigualdades sociais ao fazer uma pedagogia decolonial que aposte na mudança de atitudes. “Nesse giro decolonial, outras modalidades discursivas assumem um papel fundamental. [...] Estes devem ser situados nos saberes locais e colocadas em diálogo com saberes globais, de forma crítica, reflexiva e valorizando epistemologias do sul” (Cadilhe e Leroy, 2020. p.16).

Em todas as pesquisas analisadas foram detectadas discussões sobre esta temática, deixando perceptível que é um objeto de estudo que pode trazer inúmeras contribuições para amenizar as desigualdades sociais, igualmente para (re)construção de narrativas antirracistas e dominantes. Para tanto, serão apresentadas algumas inspirações práticas para o trabalho docente na perspectiva da reflexão crítica por outras narrativas a partir da pedagogia decolonial e dos estudos discursivos para que os sujeitos discentes reconstruam suas próprias narrativas ao mesmo tempo que reivindiquem agenciamento sobre suas identidades subjetivas.

### 1.3 Inspirações de Práticas Pedagógicas

Estas inspirações/sugestões foram elaboradas a partir dos estudos e reflexões sobre a pedagogia decolonial e sua crítica às estruturas coloniais que se fazem presentes pela colonialidade de saber e poder hegemônico e pelas contribuições que os estudos discursivos podem proporcionar ao processo de subjetivação dos discentes a partir da (re)construção de narrativas antirracistas e dominantes. Assim, segue abaixo eixos geradores que a partir deles, o docente poderá adequar suas discussões de acordo o objetivo proposto para sua aula.

Quadro 3. Sugestões de Eixo gerador

<b>Eixo Gerador</b>	<b>Inspirações Pedagógicas</b>
1. Abordagem de temas sociais relevantes	Incluir em sala de aula discussões sobre questões sociais, como desigualdade de gênero, racismo, direitos humanos, entre outros, promovendo a reflexão crítica e o diálogo respeitoso entre os discentes.
2. Valorização da diversidade cultural	Incorporar materiais didáticos que representem diferentes culturas e etnias, oferecendo um panorama mais abrangente e inclusivo da sociedade. 3. Promoção da participação dos discentes: estimular debates e atividades que incentivem os alunos a expressar suas opiniões e experiências, garantindo que todos se sintam ouvidos e respeitados.

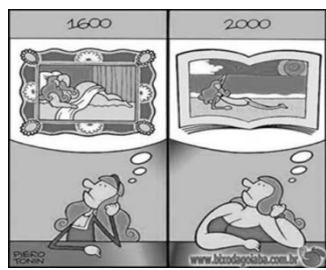
3. Promoção da participação dos discentes	da	Estimular debates e atividades que incentivem os alunos a expressar suas opiniões e experiências, garantindo que todos se sintam ouvidos e respeitados.
4. Incentivo ao protagonismo estudantil	ao	Criar oportunidades para que os alunos desenvolvam projetos que abordem questões sociais locais, permitindo que eles se tornem agentes de mudança em suas comunidades.
5. Ações afirmativas		Implementar práticas que visem diminuir desigualdades históricas, com políticas de acesso equitativo a recursos educacionais e programas de apoio a grupos sub-representados.



Fonte: Elaborado pelas autoras

A partir destes eixos geradores deixaremos algumas inspirações/sugestões de práticas pedagógicas para gerar discussões acerca das narrativas racistas e dominantes na teia social com o intuito de (re)construir novas narrativas de maneira que afete o processo de subjetivação dos sujeitos discentes.

Quadro 4. Inspirações de Práticas Pedagógicas

Eixo Gerador	Inspirações Pedagógicas
<p>1. Análise crítica de discursos</p> <p><a href="https://juniao.com.br/chargecartum/">https://juniao.com.br/chargecartum/</a></p> <p><a href="https://saibamais.jor.br/2023/11/consciencia-negracharges-como-porrada-para-iniciar-debate-diz-brum/">https://saibamais.jor.br/2023/11/consciencia-negracharges-como-porrada-para-iniciar-debate-diz-brum/</a></p>	<p>Os docentes podem incentivar os discentes a examinar criticamente como os discursos dominantes perpetuam estereótipos, preconceitos e desigualdades. Isso pode envolver a análise de textos, imagens, mídia e outras formas de comunicação para identificar e questionar as representações racistas e excludentes.</p>
2. (Re)construção de narrativas hegemônicas	Os docentes podem utilizar a pedagogia decolonial para desafiar as narrativas hegemônicas e eurocêtricas, enquanto a

	<p>análise do discurso pode fornecer ferramentas para desmontar a linguagem e as estruturas discursivas que sustentam essas narrativas. Os discentes podem aprender a identificar os mecanismos de poder presentes nos discursos e a resistir às mensagens opressivas.</p>
<p>2.1 Análise crítica da mídia (Opinião sobre questões sociais). Exemplo 2.1: <b>“A legalização da maconha é benéfica, pois reduziria a violência relacionada ao tráfico e geraria receita para o governo.”</b> (<a href="https://attobotsct.com.br/fato-e-opiniao-na-linguagem-midiatica">https://attobotsct.com.br/fato-e-opiniao-na-linguagem-midiatica</a>)</p>	<p>Incentivar os discentes a analisar criticamente as notícias, reportagens e outras formas de mídia, identificando linguagem tendenciosas, viés e estratégias retóricas utilizadas para moldar as narrativas.</p>
<p>2.2 Discussões em sala de aula <b>“Sem filhos e cor branca”:</b> loja é acusada de racismo e misoginia nas redes sociais após exigências em anúncio de emprego na BA - Caso aconteceu no município de Caetité, no sudoeste do estado. (Por g1 BA e TV Sudoeste 26/01/2024 8h28) <a href="https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/01/26/loja-causa-polemica-na-bahia.ghtml">https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/01/26/loja-causa-polemica-na-bahia.ghtml</a></p>	<p>Promover discussões sobre temas sociais relevantes, incentivando os alunos a questionar e desafiar às estruturas discursivas presentes em textos, discursos e outros materiais.</p>
<p>2.3 Estudo de caso: Influência na formação de opinião, modelagem de perspectivas e valores, engajamento cívico e político, construção de narrativas e estereótipos, promoção do pensamento crítico. Exemplo 2.3:</p>  <p><a href="https://brainly.com.br/tarefa/29495406">https://brainly.com.br/tarefa/29495406</a></p>	<p>Apresentar estudo de caso que exemplifiquem como a linguagem e as estruturas discursivas podem influenciar a percepção das pessoas sobre determinados temas, fornecendo exemplos concretos para análise.</p>
<p>2.4 Atividades de escrita crítica - Exemplo 2.4: <b>Ninguém nasce racista. Continue Criança.</b> Produzido em 2016 pela TV Globo com 4':45”</p>	<p>Propor atividades que envolvam a escrita crítica, onde os discentes são desafiados a identificar e a (re)construírem linguagens atravessadas e suas estruturas discursivas que sustentam narrativas racistas e dominantes.</p>

 <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=qmYucZKoxQA">https://www.youtube.com/watch?v=qmYucZKoxQA</a></p>	
<p>2.5. Trabalho em grupo</p>	<p>Promover atividades onde os alunos possam colaborar na identificação e análise de linguagem e estruturas discursivas em diferentes contextos sociais, políticos e culturais.</p>
<p>3. Empoderamento por meio da linguagem</p> <p>Exemplo 3.1: Vídeo do curta metragem ANA (2017) produzido pelos jovens das oficinas Querô -16':38''</p>  <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=MO1f8n3gMG8">https://www.youtube.com/watch?v=MO1f8n3gMG8</a></p>	<p>Mesclar essas abordagens também pode capacitar os alunos a reconhecer o poder da linguagem na construção de identidades e relações de poder. Os professores podem promover a reflexão sobre como as palavras são utilizadas para reforçar ou desafiar hierarquias sociais, incentivando os alunos a se expressarem com autonomia e criticidade.</p>

Fonte: elaborado pelas autoras

As inspirações acima remetem a uma proposta inclusiva e igualitária no sentido de direcionar as práticas pedagógicas centradas no sujeito histórico-cultural, transgredindo as propostas hegemônicas que visam somente o mercado de trabalho e o avanço do capitalismo. Sendo assim, estas atividades propõem subsídios aos docentes para trabalharem em uma perspectiva de (re)construção de narrativas antirracistas e dominantes, visando a subjetivação do sujeito.

### Considerações pertinentes para o momento

Diante da pesquisa exposta, torna-se evidente a urgência de incorporar as abordagens da pedagogia decolonial e dos estudos discursivos nas práticas pedagógicas contemporâneas, pois as consequências dessa não abordagem manteve/mantém viva a voz dos dominadores hegemônicos que ressoa fortemente até os dias atuais.

Dessa maneira, promover práticas pedagógicas, envolvendo a pedagogia decolonial e os estudos discursivos poderá oferecer subsídios fundamentais para desestabilizar essas narrativas racistas e dominantes. Neste sentido, o fazer docente pode ser repensado para possibilitar processos de subjetivação que valorizem as experiências e saberes dos discentes, oportunizando vozes, descolonizando o conhecimento e valorizando a diversidade cultural.

A colonialidade do ser é algo inseparável do processo de subjetivação dos sujeitos em decorrência dos fatores sócio-históricos e culturais, mantida e perpetuada nas relações de saber e poder. Podemos refletir que a utilização de uma linguagem crítica e reflexiva baseada em práticas pedagógicas, que pautem por uma maior consciência sobre as dinâmicas narrativas sociais e culturais, implicaria em possibilidades de resistências e de transformações de práticas de si diante das estruturas de saber-poder e identidade.

Enfim, diante de todo exposto é fundamental que docentes se dediquem nestas práticas comprometidas com a (re)construção de narrativas antirracistas e dominantes para reafirmar o papel transformador do fazer docente e da educação transformadora, igualitária e justa. Aos pesquisadores, que amplie e continue suas pesquisas para somar esforços contra esse poder que invisibiliza, silencia e exclui os sujeitos já marginalizados.

## Referências

ANDRADE, A., e Araújo Fernandes, P. (2021). **Cores e pedagogias do discurso zapatista**. Gragoatá, 26(56), 1148-1176. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.49086> Acesso em: 08 mar. 2024.

ARAÚJO, Lindomar da Silva. Teatro do Oprimido: pedagogia teatral decolonial? Instrumento: **Revista de Estudo e Pesquisa em Educação** 23.1 (2021). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/350784868\\_Teatro\\_do\\_Oprimido\\_pedagogia\\_teatral\\_decolonial](https://www.researchgate.net/publication/350784868_Teatro_do_Oprimido_pedagogia_teatral_decolonial). Acesso em: 08 mar. 2024.

BERNARDINO-COSTA, J.. (2016). **A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!**. Civitas - Revista De Ciências Sociais, 16(3), 504–521. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.3.22915>. Acesso em 22 set. 2023.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas / Michel Foucault; tradução: Selma Tannus Muchail**. - 10. ed. - São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2016. - (Coleção Tópicos)

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhe**.42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOMES, Nilma Lino. Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico/organizadores Joaze Bernandino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel. – 1. ed. – Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2018. Ebook. (Coleção Cultura Negra e Identidades) **Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos** – Nilma Lino Gomes

JÚNIOR, Rusanil dos Santos Moreira. **Por uma pedagogia decolonial no ensino de língua espanhola:** uma experiência remota durante a pandemia da Covid-19. *Humanidades & Inovação*, v.8, n. 30, p.63-81, 2021. Disponível em:  
<<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4617> > Acesso em: 29 mar. 2024.

LEROY, Henrique Rodrigues, and Alexandre Cadilhe. "**Formação de professores de língua e decolonialidade:** o estágio supervisionado como espaço de (re) existências." *Calidoscópico* (2020). Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/52461> Acesso em: 08 mar. 2024

LOBATO, R. B., & Silva, G. C. (2021). **Formação inicial docente e a prática pedagógica no estágio supervisionado:** da marafunda euro-colonialista à ginga afrodiáspórica em resistência. *Intellectus*, 20(1), 139–164. Disponível em:  
<https://doi.org/10.12957/intellectus.2021.57779>. Acesso em: 08 mar. 2024.

MENDANHA Leite, A., Frank de Oliveira, H., & Alves Luterman, L. (2021). **Políticas públicas de gênero na Educação Básica:** convergências e entraves a uma educação linguística decolonial. *Porto Das Letras*, 7(1), 383–400. Recuperado de  
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11542> Acesso em: 08 mar.2024

MENICONI Flávia Colen et al. “Pibid/Espanhol, **Diversidade Cultural e Experiências Decoloniais de Ensino.**” *Diversitas Journal* 7.3 (2022): *Diversitas Journal*, 2022-07, Vol.7 (3). Print. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>. Acesso em: 08 mar. 2024.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F., Romeu Gomes. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Erica Pereira dos Santos; SOUZA, Victória Guimarães. **Formação continuada e pedagogia decolonial:** o M. A. R. e o samba. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 63, p. 46-63, out. 2020. Disponível em  
<[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-03052020000600046&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052020000600046&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 08 mar. 2024. Epub 08-Fev-2022.  
<https://doi.org/10.12957/teias.%y.53968>.> Acesso em: 08 mar. 2024.

OLIVEIRA LF de., Candau VMF. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.** *Educ rev [Internet]*. 2010 Apr; 26(1):15–40. Available from:  
Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002> > Acesso em: 08 mar. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Identidade Linguística Escolar.** In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. Disponível em:<  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4240135/mod\\_resource/content/1/Texto%20de%20Christine%20Revuz.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4240135/mod_resource/content/1/Texto%20de%20Christine%20Revuz.pdf) > Acesso em 17 dez. 2023.

PRADO, Vagner Matias, and Cássio Rodrigues Faria. "Gênero," raça" e educação: em defesa de uma abordagem decolonial do currículo escolar e das práticas pedagógicas." *Revista Polyphonia* 34.1 (2023): 300-315. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sv/article/view/77915> > Acesso em: 08 mar. 2024.

TONHÁ, T. F., **Educação para a transformação**: fundamentos de uma prática pedagógica decolonial. *caminhos da educação diálogos culturas e diversidades*, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 01-14, 2023. DOI: 10.26694/caedu.v5i3.4652. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/4652>. Acesso em: 8 mar. 2024.

Autor 1:



Nome Completo: NEIVA DE SOUZA MIRANDA

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS/UNEB. Especialista em Metodologia da Alfabetização e Letramento (Faculdade Batista Brasileira). Licenciada em Letras (UNEB - PARFOR) e em Pedagogia (UNIBAHIA- FACIIP). Professora na Prefeitura Municipal de Malhada de Pedras/Bahia/Brasil

Email: [avienantunes@gmail.com](mailto:avienantunes@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0427935685100512>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5629-4544>

Autor 2:



Nome Completo: JANAINA DE JESUS SANTOS

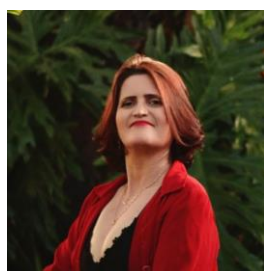
Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, DCH VI/UNEB, líder do Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso - AUDiscurso/UNEB, atua no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade- PPGELS e no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL/UESB.

Email: [jjsantos@uneb.br](mailto:jjsantos@uneb.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4544276128135109>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8888-6592>

Autor 3:



Nome Completo: EDNA ALVES PEREIRA DA SILVA

Doutoranda em Educação em Ciências - PPGECi/UFRGS. Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS/UNEB. Professora na Prefeitura Municipal de Malhada de Pedras/Bahia/Brasil. Membro do CTBEII e do OBNEI. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem - GPCSL/CNPq e do Grupo de Pesquisa Educação Integral na escola e na sociedade: sujeitos, territórios, dimensões e interfaces - UFRGS/CNPq.

Email: [ednaapsilva10@gmail.com](mailto:ednaapsilva10@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0730006946631067>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9842-4746>